

ANGÉLICA RAMBOR

Os Filmes hollywoodianos e a produção de sentidos sobre a Enfermeira

Trabalho Apresentado ao Curso de Enfermagem da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial para obtenção do título de
Enfermeira.

Orientadora: Maria Henriqueta Luce Kruse

**Porto Alegre
2005**

AGRADECIMENTOS

Durante a minha formação acadêmica, muitas pessoas participaram do meu aprendizado proporcionando exemplos a serem seguidos, mas somente uma pessoa me ajudou a colocar as “lentes” que direcionaram o meu aprendizado para um novo olhar. Quero neste momento agradecer a Maria Henriqueta Luce Kruse, não somente uma orientadora, mais que isso, minha conselheira, minha mestra. Agradeço pela paciência e pela inspiração.

Obrigada aos meus pais, por terem me propiciado uma “nova vida” porque devido a eles eu renasci, recebendo sempre apoio e sendo a minha fonte de conhecimento e sabedoria.

“Mas o que é a educação senão processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores - em resumo, a” cultura “- na geração seguinte, na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e norma de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? O que é isto senão regulação – governo da moral feito pela cultura? Porque os moralistas tradicionais pouco se importariam com o que as pessoas vêem na televisão, a menos que, implicitamente, acreditassem o que as pessoas assistem na TV, que as representações que elas vêem, e a forma como o mundo é representado para elas – em resumo a “cultura da televisão” – influencie, modele, guie e regule normativamente, por exemplo, a conduta sexual dessas pessoas? Não estamos necessariamente falando aqui em dobrar alguém por coerção, influência indevida, propaganda grosseira, informação distorcida ou mesmo por motivos dúbios. Estamos falando em arranjos de poder discursivo ou simbólico. Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais. (HALL, 1997)

RESUMO

Aborda a produção de sentidos sobre @ enfermeir@ em seis filmes Hollywoodianos. O objetivo é estudar o modo pelo qual o cinema hollywoodiano, uma mídia que ocupa um espaço na subjetivação dos sujeitos, tem descrito @ enfermeir@. Observando estes elementos fílmicos pretendi discutir como são representados e que significados são construídos nessas histórias contadas por Hollywood. Contribuíram para esta pesquisa autores que seguem a perspectiva pós-estruturalista no campo dos Estudos Culturais, como Michel Foucault e Stuart Hall, que através de suas reflexões, proporcionaram a análise dos discursos sobre @ enfermeir@ encontrados nos filmes, contribuindo com suas teorias sobre *a disciplina como técnica de poder* e *os significados culturais*, respectivamente. Foi de grande influência para o estudo a autora Elí Fabris (1999) que realizou pesquisa semelhante a minha. A coleta de dados foi realizada utilizando o referencial de Rose(2002) selecionando o material e simplificando a imagem complexa dos filmes. A observação dos aspectos visuais possibilitou a construção das seguintes categorias: o hospital como cenário, o figurino, o corpo hospitalizado, gênero, raça e atributos físicos. E como categorias de análise discursiva encontrei: a enfermeira como normalizadora do hospital, a enfermeira, uma profissional subalterna e de pouco status, a enfermeira como vilã ou como heroína e a enfermagem como uma profissão feminina. Seguindo as análises deste estudo, proponho que os acadêmicos e profissionais enfermeir@s direcionem seu olhar para que possam refletir sobre o poder que tem as imagens que circulam na mídia de produzir subjetividades sobre a enfermeira.

SUMÁRIO

1 MAIS QUE UM CENÁRIO.....	6
2 AUTORES E AUTORAS.....	9
3 A CULTURA CONSTRUINDO O OLHAR SOBRE A ENFERMAGEM	12
4 O CAMINHO INVESTIGATIVO.....	14
5 FILMOGRAFIA	17
Anjo de Vidro (Noel)	17
Patch Adams: O Amor é Contagioso (Patch Adams)	18
Entrando Numa Fria (Meet the Parents)	19
Entrando Numa Fria Maior Ainda (Meet the Fockers)	20
O Amor é Cego (Shallow Hal)	21
A Enfermeira Betty (Nurse Betty)	22
6 NA TELA @ ENFERMEIRA@	23
7 ANÁLISE VISUAL	26
O hospital como cenário.....	26
O figurino.....	28
O corpo hospitalizado.....	31
Gênero, raça e atributos físicos.....	32
8 ANÁLISE DOS DISCURSOS.....	35
A enfermeira como normalizadora do hospital	35
A enfermeira, uma profissional subalterna e de pouco status	41

A enfermeira como heroína ou como vilã	47
A enfermagem como uma profissão feminina	52
9 REFLEXÕES.....	56
APÊNDICE A - Coleta de dados (transcrição).....	62
APÊNDICE B – Coleta de dados.....	81
ANEXO –Fichas técnicas dos Filmes.....	84

1 MAIS QUE UM CENÁRIO

Durante meu processo de formação profissional observei que os professores muitas vezes utilizavam imagens, principalmente filmes, para enriquecerem suas aulas. Este recurso favorece a visualização do objeto que se quer analisar e do objetivo que se deseja alcançar. Assim, meu interesse pelos filmes foi se intensificando e procurei ler e observar como o profissional enfermeir@¹ é representado nos filmes, propagandas, enfim, nos meios audiovisuais.

Tenho observado que neste final de século, a mídia vem assumindo um papel relevante na dinamização e expansão da cultura, num processo globalizante onde nossos mundos se interconectam e se cruzam, de modo que a mídia opera na formação de sentidos acerca daquilo com o que se ocupa.

Desta forma, desde que escolhi a enfermagem como profissão me questionei sobre as imagens que eu via refletidas nas telas e o poder que tinham de produzir discursos acerca d@ enfermeir@.

Inicialmente me pareceu que havia falta de estudos a respeito desse assunto. Porém, ao pesquisar a literatura de enfermagem observei que este é um tema recorrente há algum tempo, sendo que os textos de Kalisch & Kalisch são freqüentemente citados por vários autores.

Acredito, ainda, que os profissionais de enfermagem pensam pouco acerca da sua imagem, e a forma pela qual ela é refletida nos filmes. Pensar sobre este tema e registrar estes pensamentos podem auxiliar a compreensão da forma como

¹ Usarei o símbolo @ para nomear os homens e mulheres que exercem a profissão de [enfermeir@](#)

são subjetivados os usuários do sistema de saúde e os futuros profissionais que procuram os cursos de enfermagem.

Assim, inspirada nos Estudos Culturais pretendi entender como os saberes sobre @ enfermeir@ emergem dos filmes, no momento o filme hollywoodiano, bem como a capacidade que este artefato da cultura tem para produzir “verdades” sobre esta profissão. Hollywood foi escolhida por ser um expoente no mundo cinematográfico e por ser o maior centro de produção de filmes que circulam no nosso meio. Além destes aspectos, esta “fábrica de sonhos”, produz grande influência sobre os jovens que assistem a seus filmes e conseqüentemente constrói significados sociais acerca daquilo que trata. (FABRIS, 1999). Os autores Kalisch e Kalisch, em seu trabalho de pesquisa, onde analisaram a imagem da enfermagem em filmes, romances, televisões, sendo no total 207 itens analisados, encontraram que 99% das enfermeiras representadas nos filmes eram mulheres, 71% solteiras, 92% sem filhos, 69% com idade menor que 35 anos e 97% eram brancas. Este trabalho, apesar de quantitativo e de apresentar aquilo que os autores denominaram de esteriótipos desta profissão, demonstra o interesse, já na década de 80 em estudar a imagem da enfermagem representada por Hollywood.

A intenção deste trabalho não é buscar definições, criticar os filmes, atores ou personagens, nem mesmo propor melhores perspectivas para as histórias aí contadas. Minha proposta é bem menos pretensiosa e se constituirá na observação dos sentidos produzidos pelos filmes e nas possíveis influências que tem na subjetivação das pessoas que os assistem. Com essa investigação, busco o “olhar” de Hollywood sobre @ enfermeir@, as mensagens que as cenas podem transmitir e o poder que tem de fabricar sentidos acerca desta profissão.

O objetivo deste trabalho é estudar o modo pelo qual o cinema hollywoodiano, uma mídia que ocupa um espaço na subjetivação dos sujeitos, tem descrito @enfermeir@. Em outras palavras, procuro discutir como estes profissionais são representados e que significados são construídos sobre eles e elas nessas histórias.

2 AUTORES E AUTORAS

Muitos autores e autoras contribuíram com seus estudos para que fosse possível realizar este trabalho.

Para Langer (2004) saber interpretar signos visuais tornou-se uma necessidade para acadêmicos e professores e justamente o cinema tornou-se um dos instrumentos mais utilizados pelos pesquisadores para exercer seu trabalho tanto em sala de aula como em pesquisas.

No século passado e neste em que estamos, vivemos uma “revolução cultural” existindo um domínio das atividades e práticas ligadas à expressão e comunicação de significados, marcadas pelo poder da mídia e de toda a tecnologia que a envolve, exercendo uma “regulação cultural”. A cultura é usada para transformar nosso entendimento, explicar e impor modelos teóricos do mundo. As indústrias culturais, nesse caso, o cinema, têm expandido os meios de produção, circulação e troca cultural, através de uma revolução de informações. (HALL, 1997)

Acredito ser de grande relevância discutir a respeito das histórias que Hollywood conta, pois elas se instituem como verdadeiras para todo o mundo, produzindo discursos e ocupando um espaço pedagógico em nossa cultura. Para Fabris (2000), Hollywood ensina, controla e governa, exercendo, assim, o poder de subjetivação e objetivação dos sujeitos. Foucault (1995) diz que o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro, por relações de controle ou dependência, ou em si mesmo preso à sua própria identidade, mediante o conhecimento de si. Já o poder é visto por Foucault (1999) como produtor do saber, e não como um instrumento de coerção, pois desta forma seria frágil. Este poder é

forte e produz efeitos no desejo e no saber. Para este autor, o importante não é buscar as transformações que certo objeto sofreu ao longo do tempo em uma determinada cultura, mas problematizar aquilo que é visto como “natural” (KRUSE, 2004). Ou seja, é “normal” e é “comum” a imagem que as pessoas estão acostumadas a ver nos filmes sobre o que é ser enfermeir@, mas é importante estudar a produção de sentidos que se dá, problematizando estes discursos que são vistos como “verdadeiros”.

Costa et alii (2003) comentam que a educação ocorre de diversas formas na atualidade e a escola é apenas uma dessas. Ou seja, somos educados por imagens que são exploradas todos os dias, em diferentes locais, disponíveis de todas as formas e para todos, somos educados pelos filmes, pelas charges, pelos jornais e pela televisão.

Langer (2004) afirma que novos métodos estão sendo utilizados pelo pesquisador, como histórias em quadrinhos, artes plásticas em geral, jornais, fotografias, música e cinema, não sendo o documento escrito a única fonte de pesquisa.

O pensamento de Elizabeth Ellsworth (2001) é também de grande relevância para o meu estudo. Esta autora propôs o conceito de endereçamento, um termo utilizado nos estudos de cinema e que, segundo ela, tem um enorme “peso teórico e político”, podendo ser resumido por: “quem este filme pensa que você é?”. Essa questão me tocou profundamente, pois veio ao encontro daquilo que acredito. Os filmes como cartas, livros e propagandas são feitos *para* alguém, endereçados *para* alguém. Para Ellsworth, durante o processo de definição da narrativa de um filme, seu acabamento e aparência são construídos por uma ótica consciente e inconsciente sobre “quem” são seus espectadores, envolvendo suas emoções, suas

perspectivas, sua visão de si próprio, seus conflitos sociais e culturais. Resumindo, este conceito fala sobre “para quem o filme foi feito” e como essas pessoas reagirão com o que foi projetado para elas.

3 A CULTURA CONSTRUINDO O OLHAR SOBRE A ENFERMAGEM

O processo de formulação deste trabalho foi realizado através de uma abordagem qualitativa que se aproxima do campo dos Estudos Culturais, particularmente de sua versão pós-estruturalista, que considera a questão da cultura a partir da perspectiva pós-moderna. Para Kruse (2004), esta perspectiva pós-moderna definiu-se como uma multiplicidade de tendências em vários meios da cultura, que tem em comum a renúncia da visão iluminista, colocando-se em suspeita as “verdades” modernistas.

Como Fabris (1999) relata, os Estudos Culturais, apesar de serem de grande abrangência, possuem uma difícil definição. Os estudos da mídia, entre eles o estudo sobre cinema, têm se formado como um “campo fértil” na produção de diferentes representações interligadas com a cultura atual. Kruse (2004) afirma ainda que os Estudos Culturais se transformaram em um fenômeno mundial, tendo grande influência em sua ramificação latino-americana. Nestes estudos existem dois aspectos: o teórico, que propõe a interdisciplinaridade, e o político, que pretende que a cultura e a educação sejam bens comuns a todos.

Para meu estudo são essenciais as análises que tomam a cultura como um processo que produz identidade. A formação desta identidade é um dos marcos dos Estudos Culturais sendo atravessada pelos aspectos de gênero, sexualidade, regionalidade e porque não das profissões, como a enfermagem.

Os Estudos Culturais envolvem trabalhos nas mais diferentes áreas e são compreendidos também através da expressão “pedagogia cultural”. Para Fabris (2000), esta pedagogia significa locais onde o poder é organizado e disseminado incluindo-se bibliotecas, televisão, cinema, revistas, brinquedos, propagandas,

videogames, livros ou até mesmo esportes. Os Estudos Culturais investigam os “ensinamentos” destes veículos que partem desde aqueles referentes à educação e se dirigem a outros campos como lições sobre o bem e o mal, sobre o que é ser mulher, sobre o futuro, sobre o nosso corpo, o que é certo ou errado, bem como o que é ser moderno ou antiquado.

A inspiração para o título deste capítulo traz um apelo para que possamos desviar um pouco o nosso olhar hospitalocêntrico e analisarmos o cotidiano narrado nos filmes, seriados, novelas, romances e propagandas, pois é de nós que eles falam, são da nossa imagem que se ocupam tantas vezes. Com isto quero dizer que as representações sobre a enfermagem são históricas e culturais e, assim, nos ensinam coisas sobre nós e sobre nossas identidades.

Johnson (1999) fala sobre a importância da crítica, não uma crítica negativa, mas um conjunto de procedimentos onde tradições são abordadas tanto no que elas podem contribuir quanto naquilo que elas podem inibir. E é nesse tipo de crítica que me apoio, para pensar e analisar, duvidar de muitas das coisas que nos dizem e considerar outras que produzem inquietação e desconforto em relação a determinadas crenças que temos.

4 O CAMINHO INVESTIGATIVO

Para a realização deste trabalho utilizei como *Corpus de análise* os filmes hollywoodianos. Os critérios utilizados para seleção dos filmes foram aqueles que narram o sujeito enfermeir@ e seu ambiente (hospitalar ou não), que tiveram ampla circulação e divulgação no Brasil, facilmente encontrados em vídeo locadoras, apresentados não só nos cinemas, mas que fazem parte dos horários da televisão brasileira. Escolhi os filmes produzidos e apresentados a partir da década de noventa até os dias de hoje, pelo efeito que produzem e fazem circular em nossa cultura, não desconsiderando o valor e o peso da história na produção de sentidos. De acordo com estes critérios, selecionei seis filmes que não seguem um único gênero, passam pela comédia, pelo drama e pela aventura e os analisei utilizando o critério da intencionalidade.

Na coleta de dados selecionei o material a ser gravado e editado. Os seis filmes e cenas selecionados seguem os critérios descritos acima e a orientação teórica de FABRIS e ROSE.

Segundo Rose (2002), as escolhas teóricas e empíricas influenciam a seleção das cenas. O processo de seleção não é fácil, pois o que deixar de fora é tão importante quanto o que vai se incluir, afetando o resto da análise. O procedimento comum na seleção de imagens é fazer uma ampla varredura no que é apresentado por Hollywood. Foi o que realizei, assistindo uma quantidade grande de filmes que me foram indicados ou que eram do meu conhecimento. Após, fiz o registro dos extratos através de fichas (APÊNDICE B) que apresentam os elementos que são utilizados para identificar @ enfermeir@, como as roupas, o ambiente, os demais profissionais e personagens envolvidos (pacientes, por exemplo), até mesmo

música, efeitos de luz e câmera. É importante enfatizar que nesta etapa apenas serão coletados e registrados os dados, deixando a análise destes elementos para ser realizada posteriormente.

O registro foi feito também por translação / transcrição (APÊNDICE A) que é a forma como se passam os diálogos mais expressivos das cenas para o modo escrito. O objetivo da transcrição é gerar dados que sirvam para uma análise cuidadosa e uma codificação, simplificando a imagem complexa da tela. (ROSE, 2002)

Foram copiados os extratos dos filmes em um mesmo DVD ou VHS e após foi realizada uma compilação, reunindo, as cenas e editando-as com seus títulos e fichas técnicas através de textos e legendas.

Realizei uma coleta de dados prévia para testar o instrumento (ficha) e a metodologia de transcrição. Utilizei o filme Anjo de Vidro, coletando os elementos mais importantes através de uma ficha e os diálogos por meio de transcrição.

Para a análise sobre a produção de sentidos pela mídia, me apoiei em estudos de Michel Foucault (1999), Fabris (2000) e Rose (2002), inicialmente. A escolha do primeiro autor é devido à ampla abordagem que ele realiza sobre as questões de saber e poder e, conseqüentemente, da produção de sentidos. Elí Fabris elaborou uma dissertação de mestrado abordando tema semelhante ao meu, trabalhando sobre o modo como a professora é representada nos filmes hollywoodianos. Rose produziu uma metodologia de análise que pode ser aplicada ao mundo audiovisual, auxiliando na análise dos filmes selecionados.

Após o registro das cenas e dos elementos que ela possui, realizei a análise destes extratos que priorizam o ambiente onde o personagem, enfermeir@ está incluído, as vestimentas deste personagem e suas falas, o contexto em que atuam

os demais personagens que dividem a cena, além de outras características consideradas relevantes.

5 FILMOGRAFIA

Apresento abaixo os filmes selecionados e analisados, suas sinopses foram encontradas no site <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br>, suas fichas técnicas encontram-se no anexo deste trabalho.

Anjo de Vidro (Noel)

É Natal em Nova York. As ruas estão cobertas de neve, músicas natalinas estão por toda parte e as pessoas andam apressadas em direção às lojas, para comprar os presentes de última hora. Porém um grupo de pessoas está completamente à parte deste clima. Alguns deles são Rose (Susan Sarandon), uma mulher emocionalmente frágil cuja mãe está no hospital, e Mike (Paul Walker), um policial que briga com um homem mais velho (Alan Arkin). Porém alguns encontros na véspera de Natal fazem com que eles repensem a vida.

Patch Adams: O Amor é Contagioso (Patch Adams)

Em 1969, após tentar se suicidar, Hunter Adams (Robin Williams) voluntariamente se interna em um sanatório. Ao ajudar outros internos, descobre que deseja ser médico, para poder ajudar as pessoas. Deste modo, sai da instituição e entra na faculdade de medicina. Seus métodos poucos convencionais causam inicialmente espanto, mas aos poucos vai conquistando todos, com exceção do reitor, que quer arrumar um motivo para expulsá-lo, apesar dele ser o primeiro da turma.

Entrando Numa Fria (Meet the Parents)

Completamente apaixonados, Pam (Teri Polo) resolve levar seu namorado Greg (Ben Stiller) para conhecer seus pais. Só que, ao chegar, o pai (Robert De Niro) dela não se impressiona com Greg e decide tornar seu final de semana insuportável, utilizando todos os meios possíveis de intimidação, com apenas um único objetivo: se Greg aguentar até o fim, ele é o homem certo para se casar com sua filha.

Entrando Numa Fria Maior Ainda (Meet the Fockers)

Após passar por várias confusões, Greg Focker (Ben Stiller) e Jack Byrnes (Robert De Niro) estão se dando bem. Greg e Pam (Teri Polo) estão animados com os preparativos do casamento, mas há ainda uma pendência a ser resolvida: os futuros sogros precisam passar um fim de semana juntos. Para resolver o problema Greg, Pam, Jack e Dina (Blythe Danner) viajam no moderno trailer de Jack rumo à ilha Focker, em Coconut Grove. Ao chegar os Byrnes conhecem Bernie (Dustin Hoffman) e Roz (Barbra Streisand), pais de Greg. Porém o modo liberal como os Fockers levam a vida entra em conflito com os rígidos valores pregados por Jack.

O Amor é Cego (Shallow Hal)

Jack (Jack Black) é um homem que segue à risca o conselho de seu pai e apenas se interessa por mulheres que tenham um físico perfeito. Mas tudo muda quando ele por acaso se encontra com Anthony Robbins, um guru de auto-ajuda que o hipnotiza e faz com que ele apenas possa visualizar a beleza interior das mulheres, em detrimento de seu físico. Sem saber que está sob o efeito de hipnose, Jack então se apaixona por Rosemary (Gwyneth Paltrow), uma mulher obesa que é vista por ele como se fosse uma verdadeira deusa. Até que, após ser retirado da hipnose por seu amigo Mauricio (Jason Alexander), ele passa a ver como Rosemary é de verdade fisicamente e precisa tomar uma decisão sobre seu relacionamento com ela.

A Enfermeira Betty (Nurse Betty)

Betty Sizemore (Renée Zellweger) é uma garçonete que mora em uma pequena cidade e vive sonhando com seu verdadeiro amor: David Ravell (Greg Kinnear), o médico da novela "Uma Razão Para Amar", que ela assiste todos os dias. Só que, depois de testemunhar o assassinato de seu marido, numa transação de drogas que saiu errada, Betty começa a viver como se estivesse dentro de sua novela predileta, quando se transforma da garçonete Betty para a enfermeira Betty. Resolve então partir rumo a Hollywood para encontrar o médico dos seus sonhos, mas passa a ser perseguida pelos traficantes que mataram seu marido e, principalmente, por um impiedoso pistoleiro (Morgan Freeman).

6 NA TELA @ ENFERMEIR @

Durante a elaboração deste trabalho conheci autores que contribuíram para o tema abordado nesta monografia. Dois deles, Kalisch & Kalisch, me impressionaram com suas leituras das imagens encontradas em seriados para televisão, filmes e romances americanos que circularam na mídia mundial de 1854 até 1982. Trabalhando com representação social sobre a enfermeira estes autores descreveram o que chamaram de esteriótipos da enfermagem.

No trabalho os autores observam que a enfermeira pode ser representada como um anjo enviado por Deus, principalmente no período de 1854 a 1919. Nos anos de 1920 a 1945 sua imagem aparece mais direcionada aos filmes de ação onde a enfermeira é retratada como heroína, desprovida de medo e altruísta.

A imagem de mãe, cuidadora e devota está mais evidente entre os anos de 1946 a 1965, devido ao período do pós-guerra. Os autores também relatam que de 1966 a 1982 a enfermeira é representada como símbolo sexual, erotizada e amante de médicos e pacientes. Algumas representações eram recorrentemente observadas, assim a enfermeira aparece como o braço direito do médico, obediente, permissiva, conformada, flexível e serena. Estes autores classificaram seus achados nas seguintes categorias: a enfermeira como companheira do homem, a enfermeira como destruidora do homem e a enfermeira como mãe do homem ou de seus filhos.

Ellis & Hartley (1998) comentam este trabalho referindo que os autores partem do princípio que as atitudes populares e as representações sociais poderiam influenciar na relação enfermeira-paciente e no futuro da profissão. Estes trabalhos serviram para que muitos esforços fossem empregados para mudar os esteriótipos encontrados na mídia, principalmente na televisão que era a maior fonte de

informação americana. Em 1981 existiu uma organização chamada *National League for Nursing*, que lutava para que a mídia exibisse apenas imagens positivas acerca da enfermagem. Houveram outras ações com o mesmo objetivo, como a *National Commission on Nursing Implementation* que desenvolvia propagandas que esclareciam e divulgavam na televisão e rádio como a enfermagem era uma profissão de prestígio, desejável e respeitada.

A respeito das imagens encontradas em seus estudos, Ellis e Hartley (1998) concluíram que existem três imagens significativas da enfermeira: a imagem folclórica, religiosa e servil, sendo construídas através da história desta profissão.

Muff (1982) analisou os mitos da enfermagem “ensinados” pelos romances e concluiu que a maioria retratava a enfermeira como pura devido ao uniforme branco. Observou também uma outra categoria de representação, já que aquelas que não estavam à procura de marido se desligavam completamente destes anseios pensando somente no bem-estar do próximo. Nos romances a enfermeira é descrita como glamurosa, elitista, misteriosa ou a enfermagem é simplista, subserviente e idolatra os médicos.

No Brasil, Wanda Horta (1975) em seu artigo sobre os Mitos da Enfermagem, concluiu que os principais estereótipos sobre a enfermagem a classificam como a dama de caridade, ajudante do médico, executora de técnicas, cuidadora de doentes ou administradora. Sobre os mitos em relação ao exercício de sua profissão a enfermeira é representada como alguém que não tem tempo nem pessoal para trabalhar, pois encontra pouco apoio e status na estrutura organizacional em que atua.

Ao comentar estes achados, Rezende (1993) observa que aí se encontra um núcleo de contradições fascinante. A autora também comenta que a enfermagem

considerada moderna e institucionalizada nasce na Inglaterra, em 1860, com Florence Nightingale, atraindo para sua escola alunas das classes mais altas, as “ladies” e as mulheres de nível social mais baixo, as “nurses”. Nascendo e mantendo-se então como uma profissão feminina, o mito da feminilidade e, eu observaria também, dividida em classes. Rezende também faz referência ao movimento pela modernidade que é marcado pela queda dos valores místicos, pelo utilitarismo, contradizendo o mito dos “anjos de branco” e elegendo o agir, usando as mãos nas técnicas, métodos, utensílios, dobrando e desdobrando. A autora afirma ainda que nos ofendemos com as imagens, caricaturas e esteriótipos que a mídia nos apresenta, mas comenta que a rigidez da moral e da conduta profissional pode ter surgido para rechaçar a idéia de enfermeira prostituta. Finalizando ela questiona que deveríamos integrar este jogo que desconsideramos por desprezo e não sabemos jogar, como um desafio, para que possamos nos motivar a refletir, deslocando o nosso viciado ponto de vista para um novo horizonte.

Em nosso referencial esta questão não se coloca, uma vez que as perspectivas de análise que utilizamos privilegiam artefatos da cultura vistos como discursos produtivos que inventam os objetos de que falam, ajudando a compor sua identidade. Desta maneira o que investigamos são as práticas de subjetivação, formas e mecanismos sociais implicados nas políticas de produção do conhecimento e de identidades e estes, não estão certos ou errados, apenas representam o que circula na cultura (COSTA, 2003).

7 ANÁLISE VISUAL

Para facilitar a compreensão de meus leitores quanto às análises que empreendi decidi fazer uma distinção entre o que é visto (o olhar) e o que é falado (os discursos). Assim, estabeleci como categorias de análise visual: o hospital como cenário, o figurino, o corpo hospitalizado, gênero, raça e atributos físicos. E como categorias de análise discursiva: a enfermeira como normalizadora do hospital, a enfermeira, uma profissional subalterna e de pouco status, a enfermeira como vilã ou como heroína e a enfermagem como uma profissão feminina.

O hospital como cenário

Analisei seis filmes Hollywoodianos, onde optei por observar como retratam cenas do trabalho da enfermagem. Nestas decidi olhar para a figura da enfermeira, elemento central deste trabalho.

Ao elaborar minhas análises levo em consideração os aspectos não-verbais e verbais dos textos audiovisuais. Como aspectos não-verbais, considero as imagens projetadas nos filmes que revelam o cenário e seus personagens, bem como as técnicas cinematográficas empregadas para enfatizar as cenas. Em relação aos aspectos verbais analisei as falas, presentes nos filmes. Analiso as imagens e discursos a partir do que evocam em mim. Deste modo, faço a análise das cenas e falas como monumentos, a partir de sua exterioridade. Rose (2002) afirma que é impossível descrever tudo o que a tela nos transmite, mas deve-se enfatizar a dimensão visual com o maior detalhe possível.

Observo que as características reveladas nestes filmes são marcantes e se repetem constantemente nestes e em outros filmes que retratam @ enfermeir@. Com isso, considero relevante um estudo não somente dos filmes, que são muitos, mas de toda a mídia que faz circular na cultura a imagem d@ enfermeir@ como um personagem característico de cenários que falam sobre hospitais e o cuidado humano. Deste modo, ressalto que este profissional, nos filmes que analisei, não atua fora do hospital, inclusive, não é preciso inserir legendas ou algum personagem para dizer que aquele é um ambiente hospitalar, a presença d@ enfermeir@ se encarrega de informar. Assim, nesta gramática visual observo que @ enfermeir@ é utilizado nas cenas para este fim, não sendo necessário explicá-las através de palavras, a imagem fala por si.

Para Fabris (1999) o cinema compõe o *significado* através da incorporação de técnicas de edição cinematográficas, como som, iluminação, cenário e jogo de câmeras. Estas técnicas são utilizadas para proporcionar a impressão de realidade e de que o expectador está participando, vivenciando as cenas que são transmitidas. A iluminação é uma técnica muito utilizada por Hollywood e pode ser empregada para compor cenas de suspense, por exemplo, e se a luz estiver mais natural pode passar um efeito de realismo. Em geral os filmes que retratam um hospital, com suas enfermarias, blocos cirúrgicos, salas de espera e recepções, utilizam uma iluminação bastante clara, podendo às vezes ser potencializada pelas tonalidades claras de móveis e paredes, além das vestes dos figurantes e personagens.

Quanto ao posicionamento percebi que freqüentemente os personagens que representam @ enfermeir@ encontram-se atrás ou encostados nos balcões de recepção. A postura normalmente é em pé e suas ações se restringem aos procedimentos técnicos ou a atividades administrativas como anotar dados em

pranchetas. Estas características se encontram principalmente nos filmes *Patch Adams* e *Anjo de Vidro*, onde as enfermeiras são retratadas por personagens bastante atarefadas, que não podem parar seus afazeres e dirigir o olhar para a pessoa com quem estão falando.

O figurino

Quanto ao figurino observei que a enfermeira é representada usando roupas brancas ou uniformes de bloco cirúrgico (pijamas). Nos filmes *Patch Adams* e *O Amor é Cego*, quando uma enfermeira é obesa ou idosa, é retratada usando vestido (uniforme branco) largo e comprido, mas quando a enfermeira é alta e magra seu uniforme é justo e curto. Em *O Amor é Cego*, a primeira cena do filme mostra essa diferença dos uniformes das enfermeiras nos filmes Hollywoodianos. Observo que não existe uma padronização de vestimentas para estas profissionais, os uniformes são adaptados conforme a estrutura do corpo de cada personagem, valorizando suas características físicas, quando altas, magras e curvilíneas e escondendo suas imperfeições da aparência, quando obesas ou idosas.

A presença do gorro ou touca, característicos da vestimenta profissional da enfermeira, principalmente no século passado, aparece mais em filmes que representam um passado remoto como no filme *Patch Adams* que representa a década de 60, ou em filmes onde este acessório funciona como um identificador da enfermeira. Nos filmes analisados encontrei em *A Enfermeira Betty*, logo na capa, a utilização deste artefato simbólico, que durante muito tempo foi utilizado pela

enfermeira. Ellis & Hartley (1998) em seu estudo sobre a enfermagem contemporânea fazem uma reflexão sobre a touca como parte integrante do uniforme destes profissionais. Acredita-se que este símbolo tenha surgido pela forte influência da religião, na touca branca das diaconisas e no véu da freira da Idade Média. Naquela época era preconizado que as mulheres cobrissem sua cabeça em demonstração de respeito e castidade. A touca utilizada pelas estudantes de Kaiserwerth, na época em que Florence Nightingale estudava para ser enfermeira, era em formato de capuz, com franzido em volta do rosto e amarrado embaixo do queixo. Como neste período da história as mulheres não costumavam usar cabelos curtos, esta cobertura ajudava a prender os cabelos longos.

Nos filmes hollywoodianos, quando não usam toucas, as enfermeiras apresentam penteados e coques muito bem fixados e arrumados, principalmente quando se trata de uma enfermeira jovem e bonita.

A touca foi sendo modificada ao longo do tempo, perdendo seu objetivo inicial que era de cobrir os cabelos, tornando-se um símbolo da profissão. Era entregue ao estudante que terminasse determinadas etapas de seus estudos, quando já podiam começar seu aprendizado prático nos hospitais, em uma cerimônia de muito significado, normalmente em uma igreja. Na América, este acessório era utilizado para diferenciar cada instituição, bem como o broche fixado nos uniformes, respeitando a padronização de cada hospital. Com o passar do tempo e com o avanço das tecnologias, as toucas foram caindo em desuso provavelmente por tornarem-se inconvenientes ao trabalho hospitalar, dificultando a realização de algumas tarefas. A vestimenta da enfermeira teve, além da influência religiosa, a militar. Esta transmite uma mensagem forte, sobre a imagem de alguém. Além dessa característica, o emprego da cor branca imprime uma marca de competência,

confiança, profissionalismo, autoridade, atribuições e responsabilidade. Encontro em alguns textos uma referência à preocupação com a imagem da enfermeira, pois era muito discutida a questão do uniforme que deveria ser usado, pois este transmitiria uma aparência de profissional mais “apresentável”. (ELLIS & HARTLEY, 1998)

O médico dos filmes Hollywoodianos é representado de jaleco branco e estetoscópio no pescoço. Ellis & Hartley refletem a utilização deste equipamento e concluem que este fornece ao cliente uma orientação quanto à posição da pessoa, identificando-o como profissional do cuidado à saúde e não da manutenção, por exemplo. Pode se observar por esse discurso uma preocupação tanto do enfermeiro, quanto do médico para diferenciar-se dos outros profissionais que estão presentes no meio hospitalar, através de uniformes ou acessórios.

O corpo hospitalizado

Quanto à representação dos pacientes nos filmes hollywoodianos pude observar que eram apresentados de camisolas de hospital e geralmente posicionados em plano inferior aos demais personagens, normalmente deitados.

No estudo de Rose (2002) sobre a loucura nos programas de televisão, ela observou, através do método de contrastes, que determinado grupo na sociedade e determinadas situações – pessoas enfermas e a doença a elas associadas – são representadas de maneira diferente em relação às pessoas não doentes que aparecem ao mesmo tempo na cena televisiva. Ela utiliza como exemplo as cenas que mostram uma pessoa deprimida, em que ficou evidente estar sempre em situação “inferior” aos demais personagens centrais da narrativa. Se os outros estivessem de pé, o doente estaria sentado, se os outros estivessem sentados, o doente estaria deitado, ou encurvado.

Para Kruse (2004), o corpo hospitalizado é cada vez mais isolado, sendo objeto de olhar e é constantemente manipulado, perdendo sua individualidade e permanecendo a maior parte do tempo com roupas de dormir. Estas roupas são feitas para facilitar o acesso rápido ao corpo do paciente. O termo corpos frios é utilizado pela autora para enfatizar a perda da identidade da qual o paciente é despojado quando é hospitalizado, criando uma estratégia que facilita o acesso a este corpo.

Gênero, raça e atributos físicos

Quanto à questão de gênero nos filmes hollywoodianos, dois dos seis filmes analisados mostram enfermeiros do sexo masculino. A maioria das personagens que representam enfermeiras são mulheres e todos os médicos são representados pelo sexo masculino. No filme *O Anjo de Vidro* o técnico de enfermagem é homossexual. Essas características típicas dos filmes de Hollywood são influenciadas pela formação histórica da enfermeira. A palavra enfermeira é derivada do latim *nutrix* que significa “mãe enfermeira”, aquela que ama e nutre. Não é apenas uma coincidência que a enfermagem tenha sido vinculada ao papel que a mulher ocupava na sociedade, já que por muitos anos esta foi uma atividade, antes de ser uma profissão, exercida apenas por mulheres. (ELLIS & HARTLEY, 1998). As práticas masculinas no cuidado hospitalar se restringiam apenas ao cuidado nas alas dos homens ou doentes mentais. A enfermagem feminina, no entanto, nasce como um serviço organizado pela instituição religiosas, coexistindo no cuidado doméstico às crianças, aos doentes e aos velhos, associado à figura da mulher-mãe que desde sempre foi curandeira e detentora de um saber informal de práticas de saúde, transmitido de mulher para mulher. (LOPES E LEAL, 2005)

“A relação que existe entre as práticas médicas (tratamento) e as da enfermagem (cuidado) traduz, por exemplo, as ligações que existem entre natureza e legitimidade, entre gênero, classe e poder. A (re) construção cotidiana do poder médico e a dominação que exercem as práticas do tratar sobre as práticas do cuidar se articulam na dupla conjunção entre sexo e classe.” (LOPES E LEAL, 2005)

Estas autoras acreditam que a enfermagem e as enfermeiras não são mulheres, na sua maioria, por acaso. As enfermeiras e os enfermeiros são produtos

de uma “construção complexa e dinâmica da definição de” ser “da enfermagem e das relações entre os sexos”. Os valores são baseados nos ditos naturais, que influenciam o recrutamento majoritariamente feminino da área. Quanto ao grau de masculinização da enfermagem, observam que a concorrência não é comum entre esta profissão. Internamente a enfermagem não deprecia as práticas masculinas em seus discursos e, em sua equipe, é difícil identificar condutas de competição entre os sexos. Destacam também, certos símbolos e situações que atestam que a profissão não é valorizante para a imagem social masculina. No caso dos homens, a sustentação do recrutamento acontece pelos atributos e qualidades naturais masculinas (força física), ocorrendo da mesma maneira para os femininos (dedicação e paciência).

Quanto à cor da pele, a maioria dos personagens era branca, mas em um dos filmes havia duas enfermeiras, um técnico de enfermagem e dois seguranças negros.

Quanto à aparência física observo que as enfermeiras loiras são altas e magras. As atrizes que representam as enfermeiras ou são muito bonitas ou são muito feias, sendo vividas por mulheres obesas e idosas. A beleza ou aparência física parece estar relacionada com a atitude, já que a bonita é apresentada como boazinha e a mais feia desempenha o papel de pessoa rígida, ou mesmo má.

Este modo de representar a enfermeira foi imortalizado pela célebre personagem de Charles Dickens (1812-1870), Mrs. Sairey Gamp, no seu romance *Martin Chuzzlewit*, 1844, era o tipo de “enfermeira” que ainda hoje serve para designar a enfermeira ignorante e sem ideal. Abaixo segue um trecho deste livro contendo uma breve descrição física desta personagem:

“Ela era uma mulher gorda e velha, esta Sra. Gamp, com uma voz rouca e um olho supurado, com o qual tinha um poder notável de revirar e somente mostrar a porção branca. Tendo muito pouco pescoço, era um pouco trabalhoso para ela olhar para si mesma, se alguém pode dizer assim, e também para aqueles com os quais conversava. Ela vestia um vestido negro muito desbotado, mais exatamente empoeirado, e um xale e touca para combinar... A face da Sra. Gamp – o nariz em particular – era algo vermelho e inchado, e era difícil apreciar a sua companhia sem tornar-se consciente de um cheiro de bebida. Assim como a maioria das pessoas que atraíam uma grande eminência em sua profissão, ela a atraiu para si muito suavemente; a tal ponto que, tendo esquecido sua preferência natural como mulher, ela comparecia a um parto ou um aborto com igual deleite e apreço [...] A Sra. Prig era do acompanhamento de Gamp, mas não tão gorda e sua voz era mais profunda e mais parecida com a de um homem. Ela também possuía uma barba.” (DICKENS, 1936)

Em oposição a esta representação encontro no site da internet da Indústria de brinquedos Estrela a história de suas bonecas, que representavam o papel da mulher na sociedade americana típica da década de 60. Neste período é comum encontrarmos bonecas na cozinha, com roupas de festa, com roupas de praia, colegiais, Miss Universo, porém as únicas profissionais retratadas são: a enfermeira e a aeromoça, muito bem maquiadas, penteadas e com uniformes impecáveis.

Outra forma que Hollywood utilizou para retratar a enfermeira foi através das “Pin – Ups”. Elas eram modelos fotografadas ou pintadas em posições sensuais nas mais diversas atividades do dia-a-dia como, por exemplo, regar plantas, falar ao telefone, limpar a casa, cozinhar (ocupações comuns às mulheres nesta época), e ser enfermeira cuidando ou não de doentes, com seringas, pranchetas ou tubos de ensaio (símbolos utilizados para definir enfermagem). Estas imagens serviam principalmente, no período da 2^o Guerra Mundial, para incentivar os soldados do front. A “Pin-Up” mais famosa foi a atriz Hollywoodiana Marilyn Monroe que iniciou

sua carreira realizando estas fotos e, assim, criando padrões de beleza que influenciaram e determinaram as atitudes de muitas gerações.

8 ANÁLISE DOS DISCURSOS

A enfermeira como normalizadora do hospital

No filme *Anjo de Vidro* um personagem chamado Jules pergunta a enfermeira Stein que está em pé atrás do balcão: “*Que horas será a festa de natal dos pacientes?*” A enfermeira Stein, sem olhar para Jules e sem parar o que está fazendo, responde: “*Isto é um pronto atendimento e não um salão de festas*”. Jules pergunta novamente: “*Costumam fazer festas de natal aqui?*” Bem como anteriormente ela responde: “*Só para pacientes, pretende ser um paciente?*” Jules responde: “*Nunca se sabe*”.

Este tipo de cena é encontrado freqüentemente nos filmes que falam sobre hospitais e sobre a equipe de enfermagem. Nela vemos uma profissional muito ocupada com seu serviço, incapaz de dar atenção às perguntas de Jules. Horta (1975) refere que a falta de tempo é a queixa mais freqüentemente encontrada entre os profissionais de enfermagem. Assim, para esta enfermeira, o hospital não é um local de festas. Para Rezende (1993), muitos de nós, sem saber explicar, conservam-se fascinados pela calma do ambiente hospitalar, “meio hollywoodiano” onde a paz e o silêncio dominam, e onde não são raras as enfermeiras guardiãs do silêncio, com seu dedo indicador sobre os lábios.

No mesmo filme Mike, um visitante, diz: “*gostaria de saber notícias sobre um paciente*”. Então a Enf^o Stein pergunta: “*É familiar? Você é ou não é?*” E Mike

responde: *“sou um amigo”*. Enf^o Stein diz: *“Lamento, mas não posso lhe dar nenhuma informação”*. Neste momento Randy um técnico ou auxiliar de enfermagem homossexual interrompe o diálogo tentando ajudar Mike: *“ele é amigo íntimo.”* A Enf^o Stein insiste: *“pode ser até o padre dele, mas se não é...”*. Finalmente Randy encerra a cena dizendo: *“obrigada enfermeira, pode deixar que eu dou um jeito”*.

Observo que nestas como em outras cenas as enfermeiras dão um grande valor às regras, normas e disciplina. Estas características profissionais vêm desde o passado em que esses valores foram fixados e fizeram parte da trajetória da enfermagem. Donley & Flaherty (1985) analisaram a imagem da enfermagem divulgada na mídia de 1930 a 1975 e concluíram que esta profissional era menos representada com pacientes do que executando tarefas, normalmente relacionadas ao trabalho manual, comumente em poses administrativas e, finalmente na monitoria de equipamentos e utensílios. Migott et al (2001) refletem sobre as ações de enfermagem na aplicação da teoria burocrática ressaltando que as distorções mais comuns são o formalismo em excesso, o apego aos instrumentos normativos, ao comportamento rígido e ao conformismo com grande valorização de regras e normas. Ao analisar a história da enfermagem, reconstituindo a organização de suas práticas e entendendo porque nos transformamos no que somos. Kruse (2006) constata que ao longo dos anos a enfermagem tem uma história marcada pela disciplina, pela ordem, por uma cultura de si dentro de instituições como a escola, o hospital e, mesmo, o exército. É interessante lembrar os momentos da história da enfermagem pontuados pela presença da enfermeira na guerra, com o objetivo de preservar o corpo do soldado, através de duas personagens - Florence Nightingale e Ana Néri - que são exaustivamente reverenciadas em nossa profissão.

Desconfiado Jules diz à Enfermeira: *“se não vai ter festa para os pacientes quero ir embora agora.”* Enf^o Stein responde: *“você não pode ir agora.”* Jules insiste: *“por quê?”* A Enf^o Stein, sem olhar para o paciente diz: *“tem que falar com outro médico.”* Jules pergunta novamente: *“para quê?”* Enf^o Stein responde: *“são as regras.”* Jules continua: *“você não pode me manter aqui.”* Enf^o Stein já sem paciência diz: *“eu não posso, mas ele pode (apontando para um segurança), agora sente-se.”*

Nesta cena observo novamente a enfermeira como alguém que cumpre as regras, chama o segurança estabelece a ordem, ameaça o paciente, enfim exerce a sua autoridade. Ela necessita se impor e ofende, e ao mesmo manda se acalmar. Este personagem que representa uma enfermeira bota ordem no mundo hospitalar.

Jules entra em desespero: *“eu quero ir para casa agora!!! Está tudo errado!! Não era para ser assim!!!”* Enf^o Stein: *“acalme-se”*. Jules: *“você quer que eu me acalme?”* Enf^o Stein: *“acalme-se Sr. Calvert.”* Jules já fora de controle diz: *“eu posso me acalmar (chutando uma lixeira)!! Isso é calmo o bastante (derruba uma mesa)??!! E isso?”* O segurança o contém. *“O que vocês estão fazendo? Estou com a mão quebrada!!!”* Mais um segurança chega e o leva para dentro. *“Eu não fiz nada errado!! Soltem-me!!”*

Podemos analisar esta questão estudando um texto de Foucault (1999), chamado O Nascimento do Hospital, onde o autor explica que o hospital surge através da disciplina e do esquadramento dos corpos de influência militar e religiosa. Esta disciplina, recorrentemente retratada nos filmes, é uma técnica de exercício de poder, que se manifesta pela inserção dos corpos num espaço individualizado, que pode ser observado na distribuição espacial dos pacientes (as enfermarias), classificados por sexo, idade, gravidade ou tipo de enfermidade. A disciplina também se revela no cenário hospitalar através da *gestão disciplinar dos*

corpos exercida pel@ enfermeir@ que os controla pela restrição de movimentos, utilizando aparelhos, sondas e tubos que mantêm o paciente no leito e até mesmo pelo controle das necessidades fisiológicas deste indivíduo. Foucault refere também a disciplina como uma forma de vigilância contínua, não somente no olhar que vigia mas no sistema de inspeção (comum no exame físico da enfermeira e nos *rounds* dos professores de medicina que medem, tocam e classificam) que permite conhecer a “verdade” sobre o paciente, constituindo-se um ritual onde é preciso detalhar e obedecer um “cerimonial” que torne possível este processo (KRUSE, 2004). Esta disciplina consiste em registrar tudo o que foi apurado, transferindo informações de baixo para cima. Deste modo auxiliares e técnicos de enfermagem passam informações para a enfermeira que as transmite ao médico. Ou o estudante de medicina para seu professor, para que este, o detentor do poder hospitalar, possa tomar suas decisões, não sendo permitido que se perca nenhum detalhe. Estas reflexões sustentam a imagem que circula por Hollywood, a imagem do profissional que controla, vigia e registra tudo o que acontece no mundo hospitalar.

Para ilustrar as idéias acima colocadas, utilizo o texto de DONAHUE (1993). Este reflete a ordem e disciplina impostas pelo pastor Fliedner, que redigiu um catecismo para as suas diaconisas, demonstrando a disciplinarização da enfermagem às ordens vindas dos superiores:

- Preocupo-me em ventilar a sala?
- Preocupo-me em dispor tudo na devida forma?
- Tenho escutado com atenção tudo quanto me tem dito o médico?
- Tenho evitado o uso de medicamentos e tratamentos que não tenham sido indicados pelo médico?
- Tenho tido o cuidado de informar ao médico sobre o estado de meu paciente e sobre o efeito do tratamento?
- Tenho sido cortês, suave, delicada e bondosa com meu paciente?
- Tenho sido prudente e econômica com as provisões e o equipamento do hospital?

-Tenho posto atenção na roupa do paciente e em sua dieta?

Florence Nightingale, determinada pelos ensinamentos das diaconisas, acumula informações advindas dos hospitais militares nas guerras e institui a enfermagem dita moderna, através da normatização, da padronização, do registro e da introdução da estatística no ambiente hospitalar, elementos constituintes do sistema disciplinar. Florence também institui a enfermagem como uma profissão feminina, pois as mulheres eram “naturalmente preparadas” a partir dos valores e tarefas consideradas femininas. Florence Nightingale em sua obra *Notas sobre a Enfermagem* (1859) apresenta em seu discurso a falta de culpabilização, a crítica à negligência e os aspectos negativos do sexo feminino, caracterizado pela insensatez e necessidade de avaliação constante devido a falta de confiabilidade das mulheres. (LUNARDI, 2004)

No filme *Patch Adams*, o amor é contagioso, na primeira cena onde aparecem as enfermeiras, a Enfermeira Judy sai de um quarto dizendo: *“Não agüento. Ele não pode falar comigo assim!”* referindo-se a um paciente que a tinha maltratado. A Enfermeira Chefe responde: *“Eu sei, mas como você ia se sentir no lugar dele? O que você deseja?”*. É nesse momento que Patch chega dizendo: *“Olá, meu nome é Patch. Estudo medicina aqui. Bem...não exatamente aqui, mas...você sabe...”*A Enfermeira Chefe diz retrucando: *“Olha Judy, outro futuro chefe.”* Patch se defende: *“Não diria isso.”* Enfermeira Chefe continua: *“Não estou exagerando. Daqui a 5 anos, vai estar tão cheio de si... que o excesso vai sair pelo rabo. Diabo, porque não? Agora estou em posição superior. Deixe-me aproveitar.”*

Neste extrato observo que a enfermeira coloca ordem e acredita que tem um poder a ser exercido sobre o estudante de medicina. Este entendimento se dá pelo

fato de que esta profissional considera o médico como seu chefe e o aluno, ainda não exerce esse poder sobre ela. Além de analisar esta cena como um quadro da enfermeira normalizadora, faço uma ligação com a categoria que vem a seguir, pois esta Enfermeira Chefe demonstra sua subordinação perante a medicina e sente-se ameaçada por esta força que vigora no meio hospitalar.

A enfermeira, uma profissional subalterna e de pouco status

No filme Entrando numa fria o enfermeiro Greg ensaia com um paciente um pedido de casamento enquanto faz um cateterismo vesical e Greg pergunta: *“Sério? Acha que está bom?”* Paciente: *“Não!”* Greg pergunta decepcionado: *“É mesmo? Acho que isso resume tudo.”* O Paciente geme: huuuu...Greg se dá conta do que está fazendo e diz: *“Desculpe. Desculpe. Às vezes esses cateteres beliscam um pouco. Obrigado por ouvir. Obrigado.”* O Paciente diz: *“Você tem um toque bem suave doutor. Ela não conseguirá dizer não.”* Greg: *“Na verdade sou enfermeiro. O médico já vem.”*

Para analisar estas cenas me reporto à considerações sobre a origem da prática médica e da enfermagem que tem origens diferentes, principalmente em sua inserção no hospital. A medicina destacou-se historicamente, como prática dominante em relação à enfermagem, as diferenças entre elas são evidentes já na formação profissional. Nesta o médico é preparado para o diagnóstico e o tratamento de doenças, já a enfermagem prepara-se para os cuidados da pessoa como um todo. Nos discursos da formação observo que estes cuidados incluem a educação e prevenção para a saúde, bem como um cuidado individualizado.

Quanto ao campo de atuação da enfermeira é interessante destacar o modo pelo qual, a partir da década de cinquenta do século passado, a enfermagem se preocupa em estabelecer um campo de conhecimentos que justificasse sua existência como profissão. Aí começa a se constituir um discurso que estabelece a profissão como responsável pelo cuidado humano e a enfermeira como planejadora

e executora destes cuidados, em oposição ao papel de ajudante do médico que tradicionalmente era atribuído à enfermagem.

Embora se tenha observado que as enfermeiras foram convocadas a assumir cada vez maiores responsabilidades tanto nas instituições hospitalares como na rede básica, paradoxalmente, eles nem sempre tem recebido a autoridade, a autonomia ou reconhecimento inerentes a estas responsabilidades. Na opinião de Silva (1986), parece que nos últimos anos há uma maior consideração com o papel que os enfermeiros têm na prestação de cuidados à saúde.

Em outra cena do filme Greg conversa com os pais de Pam (sua noiva) pela primeira vez. Pam pergunta: *“Greg, como vai seu trabalho?”* Greg responde meio sem jeito: *“Bem Pam. Obrigada por perguntar. Acabei de ser transferido para a triagem.”* A Sogra pergunta: *“É melhor do que ser enfermeiro?”* Pam explica: *“Não. A triagem é uma unidade de emergência. É onde estão os melhores.”* Greg fica sem graça: *“Bem...”* Pam insiste: *“Não, é sim.”*

Nesta cena Greg recebe um susto quando sua noiva começa a falar de seu trabalho porque já sabe que os sogros não entendem sua profissão. Pode-se perceber que ele fica mais animado quando ela conta para seus pais da promoção que recebeu no hospital, porém logo se desanima com a pergunta feita pela sogra, demonstrando sua ignorância pelo assunto. Após a pergunta da mãe, Pam tenta animá-lo, pois entende a importância do trabalho do seu noivo. Esta cena demonstra o desconhecimento de muitas pessoas sobre a enfermagem, talvez influenciados pelas origens da profissão executada por pessoas de pouco conhecimento e de classes consideradas inferiores da população.

No Primeiro café da manhã na casa do sogro, Greg não é avisado de que deveria se trocar, todos estão na mesa do café vestidos, incluindo dois médicos e ele de pijama de dormir.

O Sogro começa comentando com todos da mesa: “Sabe, o Greg é da área da medicina.” Um dos Médicos à mesa pergunta: “É mesmo? De que área?” Greg responde nervoso: “Enfermagem.” Todos riem. E o Médico insiste achando que ele tinha contado uma piada: “Essa é boa. Sério, de que área?” Greg responde novamente: “Enfermagem.” Ocorre então um instante de silêncio constrangedor. A Sogra tenta apaziguar: “Hei, vou buscar uma cadeira para você.” Greg agradece, pois até então estava de pé.

O Médico continua o questionário intrigado: “Então não quis o título de doutor em medicina?” Greg responde: “Não. Pensei em ser médico, mas decidi que não é para mim.” O Médico comenta rindo: “Fez bem, as provas são terríveis.” Pam o defende: “Greg se deu muito bem na prova de admissão.” Médico: “É mesmo? Greg: Fui bem. Pam insiste: “Foi muito mais do que bom, acredite.” Sogro pergunta incisivo: “Porque fez a prova se não pretendia ser médico?” Greg responde interessado: “Queria ter opções. A enfermagem foi uma boa escolha. Posso trabalhar em várias áreas da medicina e me dedicar 100% ao paciente, já o médico tem que lidar...” A Sogra interrompe quando Greg começa a se entusiasmar: “Não era para o seu amigo Andy estar aqui...” e todos saem...

Este trecho demonstra a polarização entre o saber médico e o saber da enfermagem. Novamente este filme mostra o constrangimento de Greg ao falar sobre a sua profissão, e ao saber disso, seu sogro inicia as discussões que sempre deixa seu genro em uma situação difícil. Tendo o conhecimento de que Greg é enfermeiro e não gostando dessa opção profissional, Jack (o sogro) começa a

conversa dizendo que Greg é da área da medicina para os médicos presentes na mesa. Quando Greg responde que é da área da enfermagem, todos riem achando uma ótima brincadeira, mas ele não está brincando e, com a ajuda da noiva tenta se “explicar”. Analisando a cena observo que até o momento Greg está em posição diferente dos demais personagens que estão sentados e tomando o café da manhã, vestidos, enquanto Greg está sem cadeira e de pijama. A sogra, sempre tentando mudar de assunto para não constranger o genro, trás uma cadeira. O assunto continua e os demais não entendem como Greg passou na prova de admissão da faculdade de medicina e após a noiva afirmar que ele realmente tinha passado, porque não quis exercer essa profissão, como se tivesse desperdiçado uma oportunidade única.

Muitos estudos demonstram que a *socialização feminina*, com destaque na importância da família juntamente com a afirmação de que este é o lugar da mulher, influenciou as profissões sexualmente discriminadas. Esta socialização determina muitas vezes a escolha profissional da mulher encaminhando-a para certos tipos de profissão “adequadas” e designadas como femininas no mercado de trabalho. Essas ocupações de pouco valor e de baixa remuneração não são atraentes para os homens o que contribui para a “fácil entrada” e a menor concorrência no vestibular. Isso favorece a entrada de camadas menos favorecidas da população na enfermagem, não parecendo difícil entender o pensamento de algumas pessoas de que esta é uma profissão de “nível de escolaridade baixo”. (MEYER, 1992)

Meyer (1992) em sua pesquisa onde entrevistava docentes do curso de graduação de enfermagem encontrou referências à falta de status social e à desvalorização profissional e financeira características das ocupações femininas, sem autonomia, submissa aos poderes hospitalares e médicos, desconhecendo o

alcance de suas atuações e funções, demonstrando um discurso crítico, impotente e pessimista da profissão.

Em outra cena o enfermeiro Greg está na casa do ex-noivo (Kevin) da sua namorada (Pam). Kevin inicia a conversação enquanto mostra a sua mansão: *“Qual sua linha de trabalho?”* Greg responde: *“Saúde.”* Kevin: *“Então sabe do que estou falando. Pode se ganhar muito dinheiro com biotecnologia. Qual o seu portfólio?”* Greg tenta enrolar, pois não tem um: *“Diria que é forte... a muito forte. Tem que aproveitar a maré. Agora é a hora...”* Sogro interrompe: *“Greg é enfermeiro.”* Greg diz: *“Isso mesmo. Obrigado Jack.”* Kevin diz: *“Isso é ótimo. É muito bom retribuir desse jeito. Queria ter tempo para fazer serviço voluntário.”* Greg responde desanimado: *“É, mas eu sou pago... mas eu também me sinto bem, assim todo mundo sai ganhando”.*

Aqui novamente a enfermagem é retratada como uma profissão desqualificada. Além das imagens que já foram discutidas, um discurso muito encontrado é o de que a caridade está presente no trabalho da enfermagem. Esta fala retrata o pensamento comum neste filmes que falam sobre o fazer da enfermagem como sendo uma tarefa comum a qualquer ser humano que queira ajudar seu semelhante, não como uma profissão, apenas uma ocupação. Acredito também que esta fala indique os resquícios da trajetória da enfermagem, principalmente na Era Cristã, onde esta ocupação, predominantemente feminina, era realizada sem recompensas financeiras, pois tinham apenas o objetivo de ajudar o próximo e alcançar a redenção divina.

Para ilustrar esta cena cito DONAHUE (1993) referindo que as noviças (enfermeiras), provinham de boa família e vida exemplar, não faziam votos e não recebiam salário. Prometiam trabalhar *“por amor a Cristo e de segui-lo, atendendo*

aos pobres, os doentes e todos aqueles que necessitavam de ajuda” p.vv. A autora destaca também a obediência estrita às ordens médicas, sendo este reconhecido como único responsável pelos resultados.

No filme *O amor é cego* em um quarto de enfermaria o Paciente chama pelas Enfermeiras e uma delas responde: “*Sim, reverendo Larson?*” O Paciente delirando pergunta: “*Viu o vaqueiro?*” A Enfermeira 1 responde: “*Vaqueiro?*” O Paciente insiste: “*Aquele que me deu uma moeda na cidade dos doces.*” A Enfermeira 2 diz: “*Acho que é hora de diminuir a dosagem de morfina.*” O Médico chega ao quarto e diz: “*Reverendo, seu filho está aqui.*” Paciente diz: “*Tudo bem.*” O Médico diz “*Senhoras? Deixem os dois a sós.*”

Como dito anteriormente, esta cena retrata, como outras cenas comuns nos hospitais Hollywoodianos a subalternidade da enfermagem perante o médico. Retomando os aspectos históricos que delineiam a enfermagem, constata-se as influências da Era Cristã, onde o trabalho da enfermagem era feito por mulheres interessadas apenas em realizar a caridade e sem retribuições.

A enfermeira como heroína ou como vilã

Ainda no filme Patch Adams existe uma cena em que Patch está sendo submetido a uma junta médica que está decidindo se Patch permanece na faculdade e onde se reúnem vários estudantes e enfermeiras, Patch diz a todos: *“Cultivem amizades com essas pessoas incríveis, as enfermeiras que estão no fundo da sala, que ensinam, cuidam de pessoas todos os dias, trabalhando com sangue e merda, elas têm muito a ensinar como os professores que não tem o coração gelado.”*

Nesta cena observo uma imagem que é recorrente nos filmes e demais mídias que tratam da profissão, a enfermeira representada como heroína ou como o anjo de branco que suporta tudo e executa seu trabalho apenas para ajudar o próximo.

Não há muito tempo atrás, uma das qualidades exigidas à pessoa que desejasse trabalhar na enfermagem era o interesse pelo próximo. Ser enfermeir@ combinava com o “ideal de servir”, com uma intensa filantropia, como se o cuidado dos doentes fosse um sacrifício. (MARCH; BORGES; BONFIM, 1973).

Com a Era Cristã, a enfermagem foi-se vinculando às organizações religiosas que exigiam disciplina e obediência absoluta às ordens de superiores, tais como médicos e pastores. Este pensamento marcou a profissão e permanece em muitos casos até os dias de hoje. O serviço religioso permitia às mulheres solteiras uma oportunidade de trabalho, além de realizar a caridade, cuidando de doentes, idosos, pobres, órfãos, escravos ou prisioneiros, reforçando o amor Cristão. Estas mulheres, solteiras ou viúvas, eram normalmente familiares de oficiais romanos, e com isso, tinham instrução, cultura, saúde e posição na sociedade. Nas visitas realizadas às casa dos doentes, elas carregavam uma cesta com medicamentos e alimentos que eram distribuídos aos carentes. Acredita-se que esta cesta transformou-se no que é

hoje um símbolo e utensílio utilizado pelas enfermeiras visitadoras, a bolsa da enfermeira, artefato que também pode ser encontrado nos filmes Hollywoodianos.

Estas mulheres que realizavam a caridade e que participavam de grupos distintos, como a Ordem das Viúvas, por exemplo, possuíam posições independentes e riqueza o que lhes possibilitava realizar a caridade e a enfermagem. Muitas destas mulheres se destacaram na história da enfermagem e foram canonizadas pela Igreja Católica.

Na enfermaria pediátrica Jack, o personagem principal, visita as crianças internadas com sua amiga e diz para uma menina: *“É a coisa mais bonita que eu já vi. Qual é o seu nome ?”* A Criança responde: *“Cadence.”* Jack brinca: *“É um belo nome meu tio se chamava Cadence. Bem, veja só isso Cadence (sapateia). Não vou mais soltar você até a bruxa voltar.”* Então a Enfermeira diz: *“Ponha a menina no chão.”* Jack retruca: *“A bruxa voltou.”* A Enfermeira pergunta para a amiga de Jack: *“O que ele faz aqui. Não é hora de visitas.”* Rosemary responde: *“Srta. Peeler, só viemos dar um oi para as crianças.”* Enfermeira: *“Ótimo, agora podem se retirar. E coloquem os pacientes de volta em suas camas (e o bip toca...e ela sai)”* ... As crianças ficam tristes.... Jack diz: *“Devemos ir embora.”* Rosemary responde: *“Não dê bola para a Dona Azeda.”* A Criança repete: *“Dona Azeda...”*

Ao contrário da cena anterior, este extrato representa a enfermeira vilã, muitas vezes retratada como a bruxa, aquela que apenas quer fazer o mal às criancinhas, aplicar injeções, provocar a dor e colocar a ordem e a disciplina no hospital. Esta enfermeira trata as crianças apenas como pacientes que não precisam da atenção dos adultos voluntários que vem brincar com elas. Novamente o sistema de disciplina proposto por Foucault (1999) pode ser observado nesta cena hollywoodiana. Esta técnica disciplinar coloca cada paciente em um leito, o que permite o exercício da vigilância, executado pela enfermeira que está no hospital para observar e manter a ordem. Esta possibilita o registro, quando a enfermeira é apresentada com uma prancheta na mão para poder anotar tudo e não perder nenhuma informação que será depois repassada ao seu superior. O mito da enfermeira sem tempo colocado por Horta (1975) também é visto nesta análise

através do toque do bip, apressando a enfermeira a terminar logo a sua ronda de vigilância porque outra tarefa a aguarda.

A imagem narrada nesta cena, bem como em outras encontradas nos filmes de Hollywood representa a influência da trajetória da enfermagem que através dos séculos também ajudou a construir os discursos sobre o que é ser enfermeir@. Para um melhor entendimento desta e de outras imagens encontradas nos filmes Hollywoodianos, é interessante rever certos momentos da história para compreender a produção de sentidos fixados através dos tempos sobre @ enfermeir@.

Historicamente a enfermagem vem se construindo como uma profissão que inicialmente era praticada de forma intuitiva, onde principalmente a mulher dominava a arte de conhecer a natureza e os efeitos que ela trazia para o homem. As famílias desenvolviam métodos que eram transmitidos de geração para geração. Superstição e magia desempenhavam um papel significativo no tratamento, existindo uma relação íntima entre a religião e as artes curativas. (ELLIS & HARTLEY, 1998)

O saber acumulado, especialmente pelas mulheres, em aprender a “tomar conta”, fruto do cuidado com a vida, da experiência e da transferência de saber através das gerações, visto como um saber não científico é submetido ao silêncio, primeiramente pela Igreja e depois pela medicina. Por muitos anos, a única médica do povo foi a feiticeira e à medida que viam aumentar sua perícia e habilidade, observavam o afastamento da dependência e controle divinos, além de representar uma força crescente e, portanto indesejável. Mesmo que as ações das bruxas fossem consideradas eficazes, o seu fazer decorria de uma ação e de uma vontade demoníacas, pois não tinham a aprovação de um saber reconhecido. O saber empírico da mulher é gradativamente reprimido, seja pelo clero ou pela medicina. A partir do século V, fortalece-se a concepção de cuidado que nega a interpelação

existente entre corpo e o espírito, priorizando o espírito em detrimento do corpo, reconhecido como impuro e originário do mal. (LUNARDI, 1998)

Com a diminuição do espírito Cristão, a partir do século XV, inicia-se o denominado período da decadência da enfermagem, assim como o recrudescimento da medicina pelo renascimento da ciência grega. Com o aparecimento das universidades e o interesse da área médica, a medicina sai dos mosteiros, concretizando-se um afastamento entre medicina e a enfermagem. (LUNARDI, 1998)

A diminuição do espírito cristão exigia uma reforma, não de uma doutrina, mas dos indivíduos, cujo afastamento dos princípios cristãos era causa do declínio geral. Enquanto espíritos fiéis compreendiam isso e se entregavam à reforma de si mesmos, dando sua cooperação à reforma dos demais, outros, rebelando-se contra os abusos, estabeleciam uma nova igreja, ocorrendo duas reformas: a Católica e a Protestante.

A Idade Média foi seguida pelo Renascimento e pela Reforma, um movimento religioso que iniciou com o trabalho de Martinho Lutero, em 1517. Mosteiros foram fechados, ordens religiosas dissolvidas, bem como o trabalho das mulheres nestas ordens. Também associado à Reforma houve uma mudança no papel da mulher. A Igreja Protestante, que se posicionava pela liberdade religiosa e do pensamento, não garantia muita liberdade para a mulher. Uma vez reverenciadas e encorajadas a trabalhar a fazer atividades de caridade pela igreja, as mulheres da reforma eram consideradas subordinadas aos homens. O trabalho em hospitais não atraía mais as mulheres de berço elevado. Os cuidados nos hospitais foram relegados as “mulheres incomuns”, um grupo que compreendia prisioneiras, prostitutas mulheres que sustentavam sua própria vida com ordenados, eram forçadas a trabalhar como

serventes domésticas, e embora a enfermagem fosse considerada um serviço doméstico, não era um serviço desejável. O pagamento era pouca, as horas longas e o trabalho estressante. A enfermeira era considerada a mais subalterna das serventes. Assim começaram, o que pode ser chamado dos “Anos negros da Enfermagem”. (ELLIS & HARTLEY, 1995)

A alimentação era escassa, faltavam roupas e leitos, existindo hospitais que chegaram a utilizar grandes leitos, onde eram colocados seis doentes de uma vez. Nos hospitais que restaram, foi preciso contratar rapidamente pessoal remunerado para servir os doentes. O serviço era pesado, a remuneração escassa, absoluta a falta de organização e supervisão.

O pessoal que se apresentava era o mais baixo na escala social, de duvidosa moralidade, nessas condições, os mais pobres doentes, enquanto tivessem alguém para cuidá-los em suas próprias casas, mesmo mal alimentados e desprovidos de conforto, recusavam-se a ir para os hospitais. Os pretensos enfermeiros desses estabelecimentos deixavam os doentes morrer ao abandono e lhes extorquiam gorjetas, mesmo aos indigentes. Imperava a falta de higiene e a comida era detestável e insuficiente. Não havia quem se interessasse em amenizar os sofrimentos físicos e muito menos os morais. (PAIXÃO, 1979)

A enfermagem como uma profissão feminina

O Sogro pergunta em tom irônico: *“Não há muitos homens nessa profissão, não é Greg?”* Greg responde sem entusiasmo: *“Não, Jack. Tradicionalmente, não.”*

Esta cena, bem como outras recorrentemente encontradas nos filmes, retrata a produção de sentidos sobre a questão de gênero na enfermagem. Tradicionalmente

é o termo utilizado pelo enfermeiro Greg. Este demonstra o peso histórico e cultural contido nesta palavra. Ser homem e ser enfermeiro é alvo de comentários em dois dos filmes que analisei, onde esta situação era abordada. A dificuldade que os outros personagens têm de entender esta escolha de Greg aparece com frequência e muitas vezes na forma de piadas e brincadeiras. Em outra cena deste filme um dos médicos com Greg está na piscina o chama de *enfermeira-chefe*. Esta expressão pode ser analisada pelo fato de que este médico, além de querer ofender Greg, utiliza o termo *enfermeira* porque não aceita que um homem possa ser enfermeiro. Já a palavra *Chefe* traz consigo a imagem já comentada anteriormente que designa a atitude normativa e burocrática de muitos profissionais enfermeir@s.

Hollywood, ao produzir essas cenas, tenta construir o que é “normal” para a sociedade, apostando na construção deste profissional como pertencendo ao gênero feminino, da mesma forma que retrata os médicos como pertencentes ao gênero masculino. Deste modo, temos a representação da profissão masculina e da profissão feminina, já que há um entendimento de que os filmes mostram o que deve ser, o correto, ajudando a fixar o modelo de profissional enfermeir@ e fica a critério do público dar sentido e significação às histórias narradas por Hollywood.

Primeiramente, ao analisar as questões de gênero na enfermagem, é importante esclarecer o uso dos termos feminino e masculino. Estes, não delineiam ou restringem os sexos, mas os categorizam, através de posturas quanto a modos de conhecer e atuar no mundo. O masculino procura representar a busca pelo controle, explicador e racional, o domínio, a energia, a força primitiva e autoritária que despreza a utopia, o subjetivo, o sutil, antepondo uma explicação taxativa de tudo. Já o feminino preocupa-se com formas menos articuladas dos saberes, demonstram atitudes menos rígidas, integram novos dados, menor preocupação

com verdades e curiosidade quanto aos variados ângulos de um problema. Dessa forma, Rezende (1993) define o masculino como poder e o feminino como sedução. A enfermagem foi marcada em sua história como feminina, devendo-se então se destacar pela leveza e poder de encantamento, marcas da sedução, porém esta profissão nasceu e determinou-se finalista, rígida, asséptica, enérgica, masculina. Estas características têm como influência da escola nightingaliana constituída pelo exemplo militar e o puritanismo vitoriano, rígido e rico em normas. (REZENDE, 1993)

No filme *Entrando numa fria maior* ainda a primeira cena mostra uma Mulher tendo bebê em posição de litotomia. O Esposo nervoso diz para o enfermeiro Greg: *“Faça alguma coisa! O bebê está vindo!”* Greg responde: *“Eu sei que o bebê está vindo. Acalme-se! Respire fundo. Myra! Preciso de um médico!”* Myra responde: *“Estou tentando!”* A Mulher pergunta: *“Você não é médico?”* Greg: *“Não, sou enfermeiro.”* O Esposo diz: *“Homem enfermeiro (pegando as mãos de Greg)”* Mulher: *“Que tipo de homem você é?”* Greg diz irritado: *“Olhem, eu sou um profissional. Sei o que estou fazendo. Confiem em mim. Vai dar tudo certo. Está com dilatação total. Precisamos de um médico agora!”* Myra: *“Não há médico disponível. Terá que fazer o parto.”* O Esposo grita: *“Estou vendo a cabeça.”* Greg: *“Droga!”* A Mulher grita...Passa um tempo... Myra entrega o bebê limpo para as mãos de Greg que diz: *“Olhem só! Conseguimos! Parimos um menino!”* O Esposo diz emocionado: *“Um menino. Você é meu herói! Darei o seu nome a ele.”* Greg: *“Não precisam fazer isso. O Esposo insiste: Tenho que fazer. É uma tradição na Latvia. O bebê se chamará...(olha no crachá de Greg)...Gaylord Pinto (Focker), todos ficam decepcionados...”*

Observo nesta cena, mais uma vez o discurso que Hollywood constrói ao colocar nas telas @ enfermeir@ como sendo uma profissão exclusivamente

feminina e a idéia que os pacientes têm do homem que escolhe ser enfermeiro. Este extrato também transmite a falta de confiança que os outros personagens têm em Greg, acreditando que somente um homem, médico, poderia realizar o parto. No início Greg também se sente inseguro gritando por um médico. Sabendo que nenhum chegaria a tempo resolve realizar o parto e tudo ocorre bem, recebendo muitos elogios dos pais da criança, mas somente porque deu tudo certo, senão o que seria do enfermeiro?

9 REFLEXÕES



Figura 29 – Sou todas elas ou nenhuma delas?

Ao analisar a imagem d@ enfermeir@ nos filmes Hollywoodianos verifiquei a importância desta indústria cinematográfica na formação de sentidos sobre este profissional. Esta “fábrica de sonhos” é também detentora de grande poder cultural que produz significados e sujeitos.

“Quanto mais importante – mais ‘central’ - se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam. Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural”. (HALL, 1997)

Nestas obras observei diversas imagens que em outros referenciais são chamadas de esteriótipos, mitos ou símbolos. Na minha análise estas imagens são construídas através da história, produzindo sentidos que circulam na cultura e são disseminados pela mídia. Observei através da análise visual que o cenário hospitalar é retratado com cores claras, corredores, salas de espera, balcões de recepção. O paciente, o médico e @ enfermeir@ são personagens que são inseridos nas cenas como peças que contribuem para a caracterização do hospital. Nas cenas, o paciente encontra-se em nível inferior aos demais personagens, usa camisolas de hospital e pode estar cercado de aparelhos, tubos e sondas, deixando-o preso no leito, paciente, aguardando o atendimento dos médicos e enfermeir@s. O médico é representado de jaleco branco e estetoscópio no pescoço, sendo que nos filmes que analisei este profissional era do sexo masculino.

Já @ enfermeir@ foi representado em dois filmes pelo sexo masculino, nos outros quatro, por mulheres. As enfermeiras jovens e bonitas tinham uniforme e cabelos impecáveis, com bastante maquiagem, gestos calmos, delicadeza e bondade com seus pacientes. A maioria das enfermeiras era branca sendo que em dois filmes foram representadas pela raça negra. O uniforme era branco ou do tipo pijama de bloco cirúrgico. A touca de enfermagem, parte do uniforme foi encontrada em três filmes analisados. Nos filmes @ enfermeir@ normalmente encontrava-se atrás de um balcão, anotando informações em sua prancheta, realizando tarefas administrativas ou procedimentos técnicos.

Na análise de discurso categorizei os achados em quatro imagens que apareceram mais predominantemente nos filmes: a imagem da enfermeira normalizadora, a imagem da enfermeira subalterna e de pouco status, a imagem da

enfermeira vilã ou heroína e a imagem da enfermagem como uma profissão feminina.

Para ilustrar esta variedade de imagens que encontrei nos filmes de Hollywood utilizei o cartoon que reproduzo no início destas reflexões e que questiona: “eu sou todas elas ou nenhuma delas?”. Neste estão evidenciadas as múltiplas identidades que representamos no nosso dia a dia. A enfermagem não é diferente, as enfermeiras como seres humanos desempenham diferentes papéis de acordo com os discursos que circulam na cultura, aqui apontamos a mídia como uma poderosa fonte destes discursos.

Para concluir, quero dizer que minha intenção não foi criticar os filmes ou imagens encontradas, nem dizer que elas eram corretas ou inadequadas, mas sim propor a reflexão sobre a influência da mídia e o poder que ela tem para produzir sentidos que fazem diferença naquilo que pacientes, enfermeiras e futuros profissionais pensam sobre si e sobre a profissão. Entendo que o que as pessoas assistem nas telas do cinema, que as representações que elas vêem, e a forma como o mundo é representado para elas – em resumo a “cultura do cinema” – influencia, modela, guia e regula normativamente, por exemplo, a imagem que elas tem ou fazem das coisas deste mundo. Assim, como Hall (1997) não estou falando em dobrar alguém por coerção, influência indevida, propaganda grosseira, informação distorcida ou mesmo por motivos dúbios. Estou falando em arranjos de poder discursivo ou simbólico, pois penso que as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais.

REFERÊNCIAS

COSTA, M.V.; SILVEIRA, R.H.; SOMMER, L.H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 23, p 36-61, 2003.

_____. COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A Escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DICKENS, C. M. C. *In The works of Charles Dickens*. Vol. II. New York: Books Inc, 1936.

DONAHUE, M. P. **Historia de la Enfermeria.**, Missouri: Ediciones Doyma, 1993.

DONLEY, R., FLAHERTY, S.M.J. The image of the nurse in medical and hospital adversing, 1930-1975. *In*: CURRENT. **Journal of Issues in Nursing**. 2 ed. Boston: Blackwell, 1985.

ELLIS, J. R., HARTLEY, C. L.. **Enfermagem Contemporânea: Desafios, questões e tendências**. 5º ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. *In*: SILVA, T.T. **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FABRIS, E.H. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. *In*: COSTA, M.V. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

_____. **Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola**. Porto Alegre UFRGS, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. Dois Ensaio sobre o Sujeito e o Poder. *In*: Dreyfus H. Habinow, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, Vol. 22, n.2, 1997.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1996.

HORTA, W. A. Os mitos da Enfermagem. **Enfermagem Novas Dimensões**, v. 1, n. 2, p. 60-63, 1975.

JOHNSON, R. *et al.* In : SILVA, T. T. (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KALISCH, P.A & KALISH, B.J. The image of nurses in novels. **American Journal of nursing**, v.82, p1017-1028, August, 1982.

_____ Nurses on prime-time television. **American Journal of nursing**, v. 82, n. 2 p264, 1982a.

_____ The image of the nurse in motion pictures. **American Journal of nursing**, v. 82, n.4, p605, 1982b.

KRUSE, M.H.L. **Os poderes dos corpos frios**: das coisas que se ensinam às enfermeiras. Brasília, (DF): Aben, 2004.

KRUSE, M. H. L. É possível pensar de outro modo a educação em enfermagem? **57º Congresso Brasileiro de Enfermagem**. Mato Grosso, 2006.

LANGER, J. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História Hoje**. São Paulo: Publicação eletrônica da ANPUH, 2004. Disponível em: 17/06/05 (18:30min)

LOPES, M. J. M. ; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da **enfermagem** brasileira. **Cadernos pagu**. n. 24, pp.105-125, Janeiro - junho, 2005.

LUNARDI, V. L.. **História da enfermagem: rupturas e continuidades**. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária, 74p. 1998.

MARCH, M.; BORGES L.M.; BONFIM M. E. S. Humanização da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília: v. 26 (6) 508-514, outubro/dezembro, 1973

MEYER, D. E. E. Ao olhar-se no espelho, a enfermeira não tem gostado da imagem que aí vê refeltida... **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília: v. 45 (2/3), 176-182, abril/setembro, 1992

MIGOTT, A. M.; GRZYBOVSKI, D.; SILVA L. A. A. A aplicação conceitual da teoria burocrática na área da enfermagem: uma análise empírica das instituições hospitalares de Passo Fundo-RS. **Cadernos de Pesquisa em Administração**. 2001 janeiro-março; 8(1):1-9.

MUFF, J. H. **Socialization, sexism and stereotyping**. Prospect Heights, IL: Waveland Press, Inc.1988:113-156

PAIXÃO, W.. **Páginas de História da Enfermagem**. 3^o ed., Editora Bruno Buccini, Rio de Janeiro, 1979.

REZENDE, A. L. M. **A imagem da enfermagem numa perspectiva formista**. *Enferm. Ver.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-36, abr. 1993.

ROSE, D. **Análise de Imagens em Movimento**. In: BAUER, M.W.; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2002.

SILVA, G. B. **Enfermagem Profissional: Análise Crítica**. Série Saúde & Sociedade, Editora Cortez, São Paulo, 1986.

<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br>

APÊNDICE A - Coleta de dados (transcrição)

FILME 1 (Anjo de Vidro)

CENA 1

Jules: que horas será a festa de natal para os pacientes?

Enfermeira Stein: isto é um pronto atendimento e não um salão de festas.

Jules: costumam fazer festas de natal aqui?

Enfº Stein: só para pacientes, pretende ser um paciente?

Jules: nunca se sabe.

CENA 2

Mike: gostaria de saber notícias sobre um paciente.

Enfº Stein: é familiar?

Mike: não... Eu só...

Enfº Stein: você é ou não é?

Mike: sou um amigo.

Enfº Stein: lamento mais não posso lhe dar nenhuma informação.

Randy (técnico ou auxiliar de enf.): ele é amigo íntimo.

Enfº Stein: pode ser até o padre dele, mas se não é...

Randy: obrigada enfermeira, pode deixar que eu dou um jeito.

CENA 3

Médico: tem certeza que é o mesmo homem que esteve no hospital pela manhã?

Enfº Stein: sim.

Médico: Acha que machucou a si próprio?

Enfº Stein: com certeza.

Médico: nesse caso devemos mantê-lo no hospital por 24 horas em observação se for um perigo para si próprio e mande um psiquiatra residente falar com ele antes de dermos alta. (sai de cena).

Jules: se não vai ter festa para os pacientes quero ir embora agora.

Enfº Stein: você não pode ir agora.

Jules: por quê?

Enfº Stein: tem que falar com outro médico.

Jules: para quê?

Enfº Stein: são as regras.

Jules: você não pode me manter aqui.

Enfº Stein: eu não posso, mas ele pode (apontando para um segurança), agora sente-se.

CENA 4

Jules: eu quero ir para casa agora!!! Está tudo errado!! Não era para ser assim!!

Enfº Stein: acalme-se.

Jules: você quer que eu me acalme?

Enfº Stein: acalme-se Sr. Calvert.

Jules: eu posso me acalmar (chutando uma lixeira)!! Isso é calmo o bastante (derruba uma mesa)??!! E isso? O segurança o contém. O que vocês estão fazendo?? Estou com a mão quebrada!! Mais um segurança chega e o leva para dentro. Eu não fiz nada errado!! Soltem-me!!

FILME 2 (Patch Adams, o amor é contagioso)**CENA 1**

Enfermeira Judy: Não agüento. Ele não pode falar comigo assim!

Enfermeira Chefe: Eu sei, mas como você ia se sentir no lugar dele? O que você deseja?

Patch: Olá, meu nome é Patch. Estudo medicina aqui. Bem...não exatamente aqui, mas...você sabe...

Enfermeira Chefe: Olha Judy, outro futuro chefe.

Patch: Não diria isso.

Enfermeira Chefe: Não estou exagerando. Daqui a 5 anos, vai estar tão cheio de si... que o excesso vai sair pelo rabo. Diabo, porque não? Agora estou em posição superior. Deixe-me aproveitar.

Patch: Quem está naquele quarto (305)?

Judy: Esquece. Ele te reduz a picadinho.

Enfermeira Chefe: Sr. Davis, câncer no pâncreas.

Patch: Quanto tempo ele tem?

Enfermeira Chefe: Mais que você se pensar em entrar. Nem chegue perto.

Patch: Sim Sra. Obrigada.

Enfermeira Chefe: Hei, em que ano você está?

CENA 2

Enquanto **Patch** brinca com as crianças hospitalizadas com câncer uma **enfermeira** pergunta zangada o que está acontecendo aqui?

CENA 3

Enquanto **Patch** faz palhaçadas para as crianças a **Enfermeira Chefe** e mais dois funcionários vestidos de branco se divertem e aplaudem junto com as crianças.

CENA 4

Ouvem-se risadas.

Enfermeira: Que foi aquilo?

Enfermeira Chefe: Nada.

Enfermeira: Devo verificar?

Enfermeira Chefe: Eu já disse que não foi nada!

CENA 5

Patch entra no quarto do paciente do quarto 305 e as enfermeiras se entreolham e riem. Quando ele sai do quarto correndo com barulho de bacias jogadas ao chão elas caem na gargalhada.

CENA 6

Em uma junta médica que está decidindo se **Patch** permanece na faculdade e onde reúnem-se vários estudantes e enfermeiras, **Patch** diz a todos: Cultivem amizades com essas pessoas incríveis, as enfermeiras que estão no fundo da sala, que ensinam, cuidam de pessoas todos os dias, trabalhando com sangue e merda, elas têm muito a ensinar como os professores que não tem o coração gelado.

FILME 3 (Entrando numa fria)**CENA 1**

Greg ensaia com um paciente um pedido de casamento enquanto faz um cateterismo vesical:

Greg: Sério? Acha que está bom?

Paciente: Não!

Greg: É mesmo? Acho que isso resume tudo.

Paciente: huuuu...

Greg: Desculpe. Desculpe. Às vezes esses cateteres beliscam um pouco. Obrigado por ouvir. Obrigado.

Paciente: Você tem um toque bem suave doutor. Ela não conseguirá dizer não.

Greg: Na verdade sou enfermeiro. O médico já vem.

CENA 2

Greg conversa com os pais de **Pam** (sua noiva) pela primeira vez.

Pam: Greg, como vai seu trabalho?

Greg: Bem Pam. Obrigada por perguntar. Acabei de ser transferido para a triagem.

Sogra: É melhor do que ser enfermeiro?

Pam: Não. A triagem é uma unidade de emergência. É onde estão os melhores.

Greg: Bem...

Pam: Não. É sim.

Sogra: Não há muitos homens nessa profissão, não é Greg?

Greg: Não, Jack. Tradicionalmente, não.

CENA 3

Primeiro café da manhã na casa do sogro e **Greg** não foi avisado de que deveria se trocar, todos estão na mesa do café vestidos, incluindo dois médicos e ele de pijama de dormir.

Sogra: Sabe o Greg é da área da medicina.

Médico: É mesmo? De que área?

Greg: Enfermagem.

Todos riem

Médico: Essa é boa. Sério, de que área?

Greg: Enfermagem.

Silêncio

Sogra: Hei, vou buscar uma cadeira para você.

Greg: Obrigada.

Médico: Então não quis o título de doutor em medicina?

Greg: Não. Pensei em ser médico, mas decidi que não é para mim.

Médico: Fez bem, as provas são terríveis.

Pam: Greg se deu muito bem na prova de admissão.

Médico: É mesmo?

Greg: Fui bem.

Pam: Foi muito mais do que bom, acredite.

Sogra: Porque fez a prova se não pretendia ser médico?

Greg: Queria ter opções. A enfermagem foi uma boa escolha. Posso trabalhar em várias áreas da medicina e me dedicar 100% ao paciente, já o médico tem que lidar...

Sogra: Não era para o seu amigo Andy estar aqui...

Todos saem...

CENA 4

Greg está na casa do ex-noivo (**Kevin**) da sua namorada.

Kevin: Qual sua linha de trabalho?

Greg: Saúde.

Kevin: Então sabe do que estou falando. Pode se ganhar muito dinheiro com biotecnologia. Qual o seu portfólio?

Greg: Diria que é forte... a muito forte. Tem que aproveitar a maré. Agora é a hora...

Sogro: Greg é enfermeiro.

Greg: Isso mesmo. Obrigado Jack.

Kevin: Isso é ótimo. É muito bom retribuir desse jeito. Queria ter tempo para fazer serviço voluntário.

Greg: É, mas eu sou pago... mas eu também me sinto bem, assim todo mundo sai ganhando.

FILME 4 (O amor é cego)

CENA 1

Quarto de enfermaria.

Paciente: Enfermeira?

Enf 1: Sim, reverendo Larson?

Paciente: Viu o vaqueiro?

Enf 1: Vaqueiro?

Paciente: Aquele que me deu uma moeda na cidade dos doces.

Enf 2: Acho que é hora de diminuir a dosagem de morfina.

Médico: Reverendo, seu filho está aqui.

Paciente: Tudo bem.

Médico: Senhoras? Deixem os dois a sós.

CENA 2

Enfermaria da pediatria.

Jack: É a coisa mais bonita que eu já vi. Qual é o seu nome ?

Criança: Cadence.

Jack: É um belo nome meu tio se chamava Cadence. Bem, veja só isso Cadence (sapateia). Não vou mais soltar você até a bruxa voltar.

Enfermeira: Ponha a menina no chão.

Jack: A bruxa voltou.

Enfermeira: O que ele faz aqui. Não é hora de visitas.

Rosemary: Srta. Peeler, só viemos dar um oi para as crianças.

Enfermeira: Ótimo, agora podem se retirar. E coloquem os pacientes de volta em suas camas (e o bip toca...e ela sai)

As crianças ficam tristes....

Jack: Devemos ir embora.

Rosemary: Não dê bola para a Dona Azeda.

Criança: Dona Azeda...

FILME 5 (Entrando numa fria maior ainda)**CENA 1**

Mulher tendo bebê em posição de litotomia.

Esposo: Faça alguma coisa! O bebê está vindo!

Greg: Eu sei que o bebê está vindo. Acalme-se! Respire fundo. Myra! Preciso de um médico!

Myra: Estou tentando!

Mulher: Você não é médico?

Greg: Não, sou enfermeiro.

Esposo: Homem enfermeiro (pegando as mãos de Greg)

Mulher: Que tipo de homem você é?

Greg: Olhem, eu sou um profissional. Sei o que estou fazendo. Confiem em mim. Vai dar tudo certo. Está com dilatação total. Precisamos de um médico agora!

Myra: Não há médico disponível. Terá que fazer o parto.

Esposo: Estou vendo a cabeça.

Greg: Droga!

Mulher grita

Passa um tempo...

Myra entrega o bebê limpo para as mãos de Greg

Greg: Olhem só! Conseguimos! Parimos um menino!

Esposo: Um menino. Você é meu herói! Darei o seu nome a ele.

Greg: Não precisam fazer isso.

Esposo: Tenho que fazer. É uma tradição na Latvia. O bebê se chamará...(olha no crachá de Greg)...Gaylord Pinto (Focker)

